HOMOSSEXUALIDADE E EXPRESSÕES EM GRAFITOS ESCOLARES

HOMOSEXUALITY AND EXPRESSION IN SCHOOL GRAFFITI

Adriano Rogério Cardoso [1]
Tânia Regina Zimmermann [2]

Resumo: Este artigo busca refletir sobre a homossexualidade expressada em grafitos escolares. Nesses espaços pessoas resistem, transitam, transgridem, não se fixam aos padrões identitários, sócio culturais cisheteronormativos hegemônicos. O artigo é um recorte da dissertação de Mestrado em Educação, "Representações da sexualidade e dos gêneros através dos grafitos em uma ambiência escolar" desenvolvida em 2018 e 2019 e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, MS, Brasil, em agosto de 2020. Trata-se de uma pesquisa descritiva exploratória de caráter qualitativo, utilizando elementos de Análise Crítica do Discurso (ACD) e elementos de semiótica nas discussões das imagens. Os resultados apontam para a carência de discussões sobre a homossexualidade na educação e a necessidade de hodiernar sobre o respeito pelas diferenças identitárias. Faz-se necessárias discussões sobre questões de gênero e de sexualidades nos processos educacionais, nas bases curriculares nacionais, estaduais, municipais e nos processos de formação de professores (as) para a produção de respeito a diversidade, sensibilidades empáticas capazes de formar valores importantes às novas gerações.
Palavras-chave: Educação; Homossexualidade; Sexualidade.

Abstract: This article seeks to reflect on homosexuality expressed in school graffiti. In these spaces, people resist, move, transgress, do not settle for hegemonic cisheteronormative identity, socio-cultural patterns. The article is an excerpt from the master's dissertation in Education, "Representations of sexuality and genders through graffiti in a school setting" developed in 2018 and 2019 and presented to the Graduate Program in Education at the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS), University Unit of Paranaíba, MS, Brazil, in August 2020. This is a qualitative exploratory descriptive research, using elements of Critical Discourse Analysis (CDA) and elements of semiotics in the discussions of the images. The results point to the lack of discussions about homosexuality in education and the need to modernize about respect for identity differences. Discussions on gender and sexuality issues are necessary in educational processes, in national, state, municipal curricular bases and in teacher training processes to produce

[1] Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul- UEMS- Paranaíba-MS, Brasil. E-mail: adrianor345@hotmail.com.
[2] Doutora em História e Professora titular da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul nos cursos de História e do Mestrado em Educação - Unidade Paranaíba, MS. E-mail: taniazimmermann@gmail.com.

respect for diversity, empathic sensibilities capable of forming important values to new generations.
Keywords: Education; Homosexuality; Sexuality.

INTRODUÇÃO

O contexto social centraliza a sexualidade constituindo e fixando nossa identidade, impera a heteronormatividade. Louro (2018) reflete sobre a pedagogia da sexualidade e no processo do corpo dócil, educado, pois nele se inscreve expressões, códigos, linguagens, não apenas privadas, mas também expressões sociais, políticas, históricas, culturais, onde se exercita relações de poder (FOUCAULT, 2014).

Nos processos de educação celebram-se e vigiam-se panópticamente[3] os corpos. Eles sofrem alterações culturais, os desejos podem mudar ao longo da vida, há distintas possibilidades de prazer, novas intervenções médicas e tecnológicas podem contribuir com essas mudanças. A escola, a medicina, a mídia, a lei entre outras instituições sociais exercitam a pedagogias da sexualidade, impõem a heterossexualidade como norma (FOUCAULT, 2014; LOURO, 2018).

Na escola aprendemos uma linguagem social sobre o falar, silenciar, o que esconder, o que mostrar, quem deve ser silenciado ou ter voz, um trabalho elaborado de docilidade dos corpos, que contribuem com o mercado de trabalho capitalista. Somos ensinados a nos comportarmos como homens e mulheres heterossexuais (LOURO, 2018). O currículo é um território em disputa importante a ser conquistado (ARROYO, 2011). Dominar o currículo é uma das formas de poder para manobrar as massas populares. Os governantes podem conduzir com maior facilidade povos dóceis e obedientes.

Junqueira (2010) observa nos currículos e em escolas a presença da (cis[4]) heteronormatividade normativa no cotidiano escolar. Uma das primeiras lições na escola sobre aqueles (as) que não são heterossexuais é mentir, ocultar sua sexualidade evitando as chacotas e xingamentos. Em escolas os corpos e comportamentos são panópticamente vigiados (FOUCAULT, 2014) e nos ensinam a ancorar a identidade na cisheteronormatividade, no entanto, há aqueles (as) que não se deixam fixar, nem engessar e escapam aos padrões normativos. Os corpos são inconstantes, seus desejos e necessidades mudam ao longo da vida, a sexualidade também pode mudar (LOURO, 2018), inclusive a nossa.

Nas escolas ao se ensinar os conhecimentos acumulados pela humanidade, incluem-se também a transmissão de normas socioculturais arraigadas, inclui-se o

[3] O Panóptico é um projeto de construção carcerária embasado no princípio da inspeção de pessoas, criado por Jeremy Bentham, filósofo inglês, século XVIII, consiste em se ter o bom comportamento dos presos se eles se sentirem continuamente observados, mesmo que não estejam. Esse conceito em vigiar pessoas aplica-se às subjetividades e sexualidades (FOUCAULT, 2014).

[4] O termo "cis" indica adequação entre o sexo biológico e a identidade de gênero, exemplo: Eu nasci com pênis, portanto sou homem e estou satisfeito com isso. A "heteronormatividade" indicia o desejo e atração sexual pela pessoa do sexo oposto ao seu.

modo hegemônico de vivenciar a masculinidade, normas de valor moral, político e religioso. Em nossa sociedade a norma estabelecida é a heterossexual, universal, de classe média urbana e cristã. As mulheres serão denominadas de o segundo sexo, gays e lésbicas são descritos como desviantes a norma heterossexual. Estar na condição da heterossexualidade pressupõe-se que todos (as) sujeitos (as) tenham inclinações sexuais inatas pelo sexo oposto ao seu (LOURO, 2018).

As pessoas que não se encaixam aos padrões hegemônicos[5] cishetornormativos são vistas como desviantes, variações não-hegemônica, pois transgridem às normativas cisheteronormativas, transitam em campos que fogem aos padrões do conforto moralista, religioso, político, machista dominante, são consideradas identidades marginalizadas, rejeitadas, em situações de vivencias precárias (BUTLER, 2019; FOUCAULT, 2018), muitas vezes impedidos (as) de existirem em sociedade, vítimas de violências LGBTfóbicas e/ou transfóbicos e vidas são ceifadas (GGB, 2020; ANTRA, 2020). Muitas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer /Questionando, Intersexo, Assexuais /Arromânticas /Agênero, Pan /Poli e mais (LGBTQIAP+[6]) são assassinadas (os) por serem considerados (as) seres desviantes/diferentes, mesmo em contexto de isolamento social em decorrência de pandemia, crimes de LGBTfobia e transfobia acontecem.

A homossexualidade provoca estranhamentos. Devemos refletir sobre como vivenciamos a experiência do masculino e das variações não-hegemônicas? Como isso nos atravessa? Que sentimentos e emoções a homossexualidade nos causa e por quê? Nós somos empáticos (as), acolhedores (as) e respeitamos as diferenças identitárias? A escola e o currículo cumprem o papel de acolher e respeitar as diferenças?

A opressão misógina cisheteronormativa impõe uma masculinidade tóxica como norma cultual incitada pelo patriarcado atrelada ao machismo e impõem um modelo único de ser, não podendo desviar. O macho não deve demonstrar sentimentalidades, deve apresentar sexualidade exacerbada, agressividade, gostar de futebol, ser bruto etc. Os desejos sexuais, se diferente for, melhor que sejam anulados. Sexo é para perpetuação da espécie humana. As falácias impregnadas de preconceito compactuam com a precariedade da vida daqueles (as) que nascem e encontram-se desviados (as) dos padrões cisheteronormativos (LOURO, 2018; BUTLER, 2019).

Segundo Hooks (2013) educação escolar é um campo poderoso de prática para liberdade, no qual professores (as) não partilham apenas conhecimentos acumulados pela humanidade, podem participar do crescimento intelectual e espiritual dos (as) estudantes. Seria possível "[...] ensinar de um jeito que respeite e proteja as

[5] Refere-se a liderança, soberania, superioridade, supremacia exercida por uma nação, país, cidade, povo etc. sobre outros (as) imperando seu poder, cultura, costumes, desejos e vontades, nem sempre por meio da força física.

[6] O sinal "+" busca englobar todas as possibilidades de orientação sexual ou identidades de gênero existentes.

almas de nossos alunos" (HOOKS, 2013, p.25), de modo holístico, profundo, íntimo, engajado, transgressor, crítico, criativo que foge a rotina da linha de produção em massa? Precisamos refletir.

A educação pode ofertar instrumentos que valorizam o respeito as miríades de identidades de gêneros que divergem aos padrões cisheteronormativos. Os processos educacionais escolares auxiliam na construção da personalidade, constituindo cidadãos conscientes de seus direitos, deveres, respeitando a vida, a dignidade, a diversidade humana, o (a) próximo (a) e suas subjetividades.

As pessoas LGBTQIAP+ diferem da norma cisheteronormativa presente na sociedade e na escola. Como os meios escolares lidam com essa demanda? Acolhendo, de modo holístico, valorizando a pessoa em suas expressividades e subjetividades? De acordo com Junqueira (2010) isso nem sempre acontece e ocorrem preconceitos contínuos.

Esta pesquisa é um recorte sobre os grafitos (ligados a gêneros e sexualidades no ambiente escolar) pesquisados para dissertação de Mestrado em Educação, no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba. A pesquisa intitulada: "Reflexões sobre gênero e sexualidade representados por grafitos em uma ambiência escolar".

Foram elencados um total de 878 grafitos, até a data de qualificação dessa dissertação, sendo que 94 grafitos indicavam relações de heterossexualidade, 30 representavam relações ou indicações de homossexualidades, 4 representações relativas à bissexualidade, 201 corpos masculinos, 137 pênis, etc. coletados entre os anos de 2018 e 2019 em uma escola pública estadual, em Pontalinda, interior do estado de São Paulo, local de trabalho do pesquisador Cardoso.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) reconhecem que o ambiente escolar é lugar de manifestações de grafitos e de ordem sexuais: "Não é apenas em portas de banheiros, muros e paredes que se inscreve a sexualidade no espaço escolar; ela 'invade' a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles" (BRASIL, 2001, p.113). Parece haver necessidade dos (as) alunos (as) deixar marcas por onde passam. As carteiras, cadeiras, vitrôs, muros, paredes são uma tábua pronta a receber os grafitos. A surpresa não está no ato de grafitar, mas sim nos locais onde são inscritos.

Para essa pesquisa elencamos grafitos escolares referentes a homossexualidade. Advogamos a importância em problematizar questões de gênero e sexualidade na educação, na valorização de políticas que visem refletir sobre a desconstrução de preconceitos, nos processos de formação de professores (as), na formação de cidadãos críticos, com direitos, conscientes de seus deveres, subjetividades, condições e orientações sexuais, valorizar o respeito pela vida, dignidade e diversidade humana.

METODOLOGIA

Em relação ao embasamento teórico metodológico trata-se de uma pesquisa descritiva-exploratória de cunho

qualitativo, como afirma Minayo (2010, p. 26) "[...] o objeto das ciências sociais é essencialmente qualitativo" e consideramos que melhor auxilia na compreensão desse fenômeno social expressado nos grafitos escolares.

Para as discussões aqui recorremos aos conceitos de Michel Foucault (1979, 2014, 2018) sobre o biopoder, a biopolítica, a (auto)disciplina, corpos dóceis, sexualidade e dos avanços da necropolítica de Mbembe (2019), ou seja, as políticas de morte, de quem deve morrer ou viver e das vidas precárias de Butler (2019). Os elementos de Análise Crítica do Discurso (ACD) estão presentes nas relações discursivas de poder e dominação hegemônica de Fairclough (2016), Fairclough e Wodak (2000), atreladas aos ideais de Van Dijk (2017) que abordam o abuso de poder dos dominantes sobre os dominados, por discursos abusivos atravessados que nos cercam. Louro (2018) reflete sobre a pedagogia da sexualidade e na lida com as imagens buscamos alguns elementos semióticos, da linha peirciana, pela interpretação de Lucia Santaella (2018) que nos possibilitam o raciocínio nas leituras dos grafitos. Como indicaremos ao longo do artigo.

Segundo Foucault (1979, 2014) a partir do século XIX precisou-se disciplinar os corpos para o trabalho, alguns exemplos desse poder disciplinar estão nos exércitos, nas escolas, nos manicômios, nos conventos, nas fábricas para moldar os corpos destinados a produção e a obediência. Os corpos deveriam ser obedientes e autodisciplinados. O poder disciplinar enquadra os indivíduos na autodisciplina e tornam seus corpos dóceis, facilitando a dominação e manobras (FOUCAULT, 2014). Nas escolas atuais os currículos são divididos em disciplinas, as turmas divididas em anos, séries, o espaço geográfico é organizado para manter o poder, a hierarquia, a disposição das carteiras em fileiras, o tamanho da mesa do (a) professor (a) é diferente das carteiras dos (as) estudantes. O (a) professor (a) tem a condição de vigiar os (as) estudantes e se eles (as) forem indisciplinados (as) ocorrem sanções. A estrutura geográfica das salas de aulas nas universidades seguem padrões semelhantes.

Segundo Michel Foucault (1979, 2014, 2018) o biopoder trata das diversas práticas dos estados modernos sobre aqueles (as) que estão sujeitados (as) e subjugados (as) ao estado, gerando a biopolítica, ou seja, o estado possui poder sobre seus (suas) subordinados (as). A partir do século XIX, com o advento da nova ideologia política do capitalismo industrial, o poder soberano permite deixar as pessoas viverem ou deixá-las morrer.

Em relação a biopolítica, o posicionamento ativo do soberano possibilita fazer com que os (as) súditos (as) vivam mais e melhor, já a ação passiva, ou o não agir leva à morte. Sendo assim, o soberano, estado, governos podem desenvolver políticas públicas de implantação à qualidade de vida e quando o governo não atua, ele deixa morrer alguns corpos indesejáveis (negros, mulheres, homossexuais, loucos, pobres, judeus etc.) (FOUCAULT, 1979; 2014). O controle de natalidade e mortalidade, campanhas de vacinação em massa, saúde pública, saneamento são exemplos de ação política em prol a vida na atualidade.

O biopoder também insere racismos, pois separa as pessoas em superiores e inferiores (práticas nazistas), brancos e negros, homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais, houve esterilização de negros (as) e pobres, a morte de alguns indica saúde e vida digna de outros (as), ou seja, da população rica, branca e abastada leva vantagens. De acordo com Mbembe (2019) esse processo de necropolítica, de racismo e do poder de vida e morte se arrasta desde os processos coloniais e as vivenciamos na atualidade decolonial. Por meio do neoliberalismo (estado mínimo) o governo busca a privatização estatal intervindo o mínimo possível em ações efetivas em prol a vida, indo contra o lado positivo da biopolítica.

Entendemos que diversas técnicas de subjugação dos corpos e controle da população abarcam o viés do biopoder foucaultiano (2014, 2018) e Mbembe (2019) avança em relação ao conceito de necropolítica presente no campo de morte de todos (as) que não se enquadram em padrões da elite dominante cishetornormativa. Há escassez de condições sociais básicas, precariedade de condições de dignidade de vida, carência sócio-psico-econômicas, em conluio com o posicionamento de Butler (2019) em relação ao conceito de vida precária, incluímos aqui condições de raça, identidades sexuais, gênero, divergências sociais entre outras (CRENSHAW, 2002).

Segundo Fairclough (2016), Fairclough e Wodak (2000), as relações discursivas de poder e dominação hegemônica, atreladas aos ideais de Van Dijk (2017) abordam o abuso de poder dos dominantes sobre os dominados via o imperativo do discurso abusivo, dogmático, cristalizado que constitui, valida os quesitos do poder dominante, valoriza a divisão e despreza a igualdade. O discurso é poder e nos atravessa, a história é contada pelo viés do vencedor e não pelos dominados (negros, índios, etc.). Mbembe (2019), camaronês, filósofo, teórico político e historiador, nos chama atenção sobre o discurso colonizador europeu dominante, da sistemática necropolítica, das inúmeras práticas abusivas dessa política de morte desde a colonização e da precariedade de recursos investidos para a vida.

Um exemplo de aplicação da biopolítica é produzir vacinas, medicamentos, financiados pelos governos e possibilitar que a população as tome. Infelizmente não há vacinas contra o preconceito de raças, gêneros e a LGBTfobia mata diariamente no Brasil, mesmo durante a pandemia (GGB, 2020; ANTRA, 2020).

Percebemos a força, a importância da palavra, da imagem por meio de ações discursivas intencionais e controladoras de alguns poucos, impondo imperativos a maioria como verdades inquestionáveis. As práticas discursivas são carregadas de efeitos ideológicos, auxiliam na manutenção e produção de desigualdades, incluem questões de gênero, sexualidade, classes sociais, pessoais, religião, raça e se estendem as subjetividades (FAIRCLOUGH, WODAK, 2000), bem como, sobre a construção da masculinidade, feminilidade e homofobia naturalizando ódios, medos e violências múltiplas. Junqueira (2010) aborda sobre a heterossexualidade impregnada no

currículo escolar cotidiano e Bell Hooks (2013) relata-nos sobre formas libertarias de educação que corroboram com a composição de nossas observações e análises.

Na lida com as imagens, Santaella (2012, 2018) apresenta elementos semióticos que possibilitam a exploração analítica dos grafitos fotografados. "O próprio ato de fotografar ou filmar um determinado evento já inclui a 'transcrição' de uma ideia em uma representação, no caso visual" (GÜNTHER, 2006, p. 205). Os grafitos, ao nosso ver, são textos verbo-visuais significativos captados e recortados pelas câmeras de um celular. As fotografias devem ser vistas como "ferramentas para chegar às repostas" (BOGDAN, BIKLEN, 1994, p.191) dos elementos socioculturais presentes nos grafitos. A semiótica nos permite raciocinar sobre as expressões e mensagens dos grafitos, de acordos com a leitura e inferências dos pesquisadores deste artigo. Nós sabemos que o discurso é algo carregado de efeitos ideológicos e impõem seu poder abusivo incessantemente a tudo e a todos (as), inclusive nas imagens analisadas (FAIRCLOUGH, 2016).

Em relação aos níveis interpretativos das imagens "distribuem-se em três camadas" a primeira é a "camada emocional, ou seja, a qualidade de sentimento e a emoção que o signo é capaz de produzir em nós"; a segunda é "a camada energética, quando o signo nos impele a uma ação física ou puramente mental"; e a terceira é "a camada lógica, esta a mais importante quando o signo visa produzir cognição" (SANTAELLA, 2018, p.40). As três camadas caminham juntas.

DISCUSSÃO

Os grafitos escolares observados ilustram e refletem algumas representações sociais do universo LGBTQIAP+. Na sociedade que vivemos, fomos preparados para acreditar na supremacia do homem em relação a mulher e dos que dela se assemelham. Tudo que diferente do cisheteronormativo for deve ser evitado. Reproduzimos e ensinamos isso, de modo implícito e explicito, pois assim nos foi ensinado.

O grafito abaixo exemplifica, por meio dos termos "gay e viado", como forma desrespeitosa, de chacota, xingamento, daqueles que não se enquadram nos padrões da masculinidade cisheteronormativa e hegemônica.

FIGURA 1– Escrita e desenho- xingamento



Fonte: Acervo fotográfico do pesquisador.

A Fig. 1 encontrada em um beiral de janelas, em uma das salas de aula, ilustra os termos "GAY,VIADO", referentes a "LUIS", reforçada pela ilustração de um pênis ereto. Segundo Lacan (1978) o falo refere-se ao desejo de algo que nos falta, escapa, ou nos vem incompleto em sua totalidade; não se trata somente de um pênis, mas de tudo o que esse elemento fálico pode representar: poder, liberdade, autonomia, domínio, prestígio, objeto de desejo, força, virilidade, procriação e por medo de perder isso tudo que se busca dominar para evitar ser dominado. Justifica-se, então, a hegemonia machista, misógina cisheteronormativa imperativa sobre o feminino e tudo que do feminino se aproxima.

A homossexualidade põe em xeque as bases das famílias tradicionais cristãs e o patriarcado. A pedagogia social da sexualidade é reforçada por discursos de líderes políticos, religiosos, pelo machismo e por discursos LGBTfóbicos.

Kimberlé Crenshaw (2002) critica sobre os discursos dos direitos humanos que não abarcaram o "[...] direito à não-discriminação racial, bem como da não-discriminação de gênero [...]" (KCRENSHAW, 2002, p. 173) referentes aos gêneros do racismo. A discriminação racial é marcada também por gêneros, o feminino heterossexual ou lésbico sofrem preconceitos de gênero e de raça. A condição da mulher encontra-se em um patamar cultural de inferioridade em relação ao homem. O homossexual, ou a mulher transexual está em uma situação de preconceito, precariedade e maior inferioridade do que a condição feminina (BUTLER, 2019). Os gays que apresentam proximidade com a feminilidade, passividade, submissão tendem a serem tratados como "mulherzinhas" podem sofrer preconceitos, abusos e violências se forem negros isso pode ser mais um agravante.

Segundo Adrienne Rich (2010) há um conservadorismo crescente sobre a as mulheres e sobre a heterossexualidade compulsória. As mulheres, no geral, são tidas como "[...] parte da propriedade emocional e sexual dos homens e que a autonomia e a igualdade das mulheres ameaçam a família, a religião e o Estado." (RICH, 2010, p.19). Segundo a autora há um controle patriarcal sobre a maternidade, preconiza a família nuclear, a exploração econômica das mulheres, sobre um viés religioso, por imagens midiáticas e por esforços de censura. As lésbicas enfrentam discriminação, perseguição e violência nas ruas. Mesmo dentro de instituições influenciadas pelo feminismo (RICH, 2010). A solução seria ficar no armário? Isso precisa ser repensado.

Numa sociedade machista os (as) defensores dessa pátria desejam que os homens sejam poderosos, viris, destemidos, truculentos, violentos, bélicos, portanto, homens fálicos. Os discursos machistas, de inferiorização do outro condensam a função fálica, colocando os homens e mulheres que não se encaixam nos padrões de masculinidade hegemônica como menos homens, maricas, mulherzinhas, boiólas, baitolas, gays, bichas, portanto passíveis de inferioridade, podendo sofrer atos de homofobia: agressões,

abusos, sendo invisibilizados, mortos, rechaçados, tendo direitos sociais negados.

As proibições e sansões sociais tendem a produzir controle nos indivíduos, restringem impulsos de vergonha sociogenética, transformando-se em hábitos mesmo em esfera privada. Os impulsos, tabus, proibições, negativa do prazer, sentimentos gerados de vergonha e repugnância no interior do indivíduo (ELIAS, 2011, p.181) são comuns, muitas vezes, validados de modo tóxico.

Muitos (as) adolescentes não possuem meios de discutir e refletir sobre temáticas como sexualidade, gênero e dão vazão aos seus anseios e desejos por meio dos grafitos, causando estranhamento, vergonha, desconforto naqueles (as) que os veem em locais públicos.

A presença constante de discursos hegemônicos, controle observacional panóptico dos corpos e comportamentos, controle pelo poder, ocasionando a internalização destes discursos nos constroem como sujeitos sociais (FOUCAULT, 2014, 2018; FAIRCLOUGH, 2016; FAIRCLOUGH, WODAK, 2000; VAN DIJK, 2017). Portanto, são importantes as propostas que buscam compreender os processos e práticas inferiores, as experiências dos sujeitos subalternos, a possibilidade de construção de identidades não hegemônicas e as contribuições antidiscursivas que resistiram e negociaram com as camadas elevadas, prestando atenção especial às diferentes formas de resistência e ação formuladas a partir da subalternidade.

Hooks (2013) toma as leituras de Paulo Freire e os ensinamentos do budista vietnamita Thich Nhat Hanh, arrazoado o agir e refletir sobre o mundo para modificá-lo e a educação só pode ser libertaria se todos (as) a tomarem como uma plantação em que todos (as) temos que trabalhar, exercendo um trabalho coletivo (HOOKS, 2013, p.26).

A invisibilização das temáticas gênero e sexualidade nos documentos atuais de base curriculares nacionais, estaduais, municipais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018; PARAÍSO, 2018) é algo preocupante. Atualmente, no Brasil, impera um discurso político de direita extremista, religioso, arcaico que busca amordaçar e anular a sexualidade, questões de gênero em educação e nos processos de formação de professores (as).

Há indícios claros de que gênero e sexualidade são temáticas latentes, pertinentes e de interesse dos (as) jovens que frequentam nossas escolas. Os grafitos de temas gênero e sexualidade são indicativos dessa pulsão.

A criação de grupos, rodas de conversas para que aqueles (as) que queiram verbalizar, expressem seus medos, incertezas possam expressarem-se e serem ouvidos, possam ter voz e também ouvir os anseios e angústias dos (as) outros (as), para tentarmos dissolver os fardos dos elementos tóxicos dessa masculinidade hegemônica cisheteronormativa.

Em relação a temática da homossexualidade há desenhos de rostos (Fig.2) e corpos masculinos relacionados ao culto do corpo masculino, belo, musculoso, seguindo

padrões de masculinidade hegemônica, cisheteronormativa e cristã.

FIGURA 2 – Desenho – rosto masculino/pênis



Fonte: Acervo fotográfico do pesquisador.

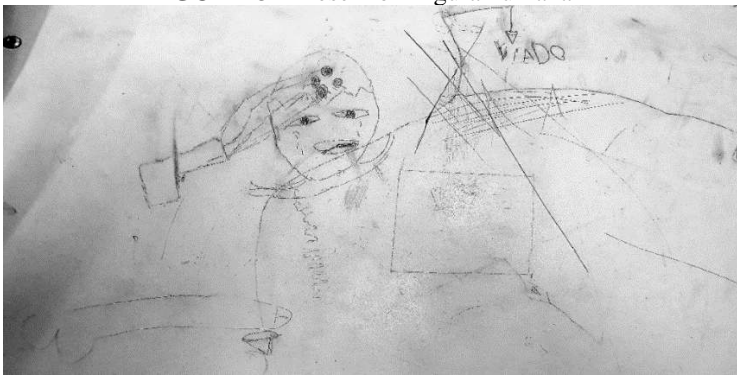
Há discursos que pregam que ser homem bonito, que cuida da pele, do corpo, das roupas, do cabelo, das unhas tem relação direta com o universo dos gays, são direcionados a eles xingamentos de bichas, frescos, frutinhas, afeminados. Os dois pênis na Fig. 2 podem ser indício de que homem belo é homem gay. Nesse viés, os homens que demonstram cuidado para com a companheira, filhos (as), cuida das tarefas de casa são considerados menos machos, pois aproximam-se da fragilidade, feminilidade, sentimentalidade, homossexualidade e são motivos de chacotas.

> Demetriou discute o crescimento da visibilidade da masculinidade gay nas sociedades ocidentais. Isso fez com que se tornasse possível para muitos homens heterossexuais se apropriarem de "partes e pedaços" dos estilos e das práticas de homens gays e construírem uma nova configuração híbrida de prática de gênero. Tal apropriação enfumaça a diferença de gênero, mas não enfraquece o patriarcado (DEMETRIOU, 2001, apud CONNEL, MESSERSCHMIDT, 2013, p.261).

De acordo com Connel e Messerschmidt (2013, p.261) as práticas masculinas heterossexuais em proximidade com algumas práticas gays talvez sejam aproveitadas criando um híbrido de masculinidade, porém ainda é cedo para estamos convencidos de que a hibridização descrita seja hegemônica, além de um sentido local. "Mesmo que a masculinidade e a sexualidade gay estejam em um processo de crescente visibilidade nas sociedades ocidentais – testemunhado pela fascinação com personagens gays masculinos em programas de televisão como *Six Feet Under, Will and Grace [...]"* (DEMETRIOU, 2001, apud CONNEL, MESSERSCHMIDT, 2013, p.261). Os avanços são considerados limítrofes, não há universalidade ainda.

A Fig. 3 abaixo, encontrada em uma carteira, nos faz refletirmos sobre processos mentais de dominação da masculinidade patriarcal, cisheteronormativa, hegemônica.

FIGURA 3 – Desenho – figura humana



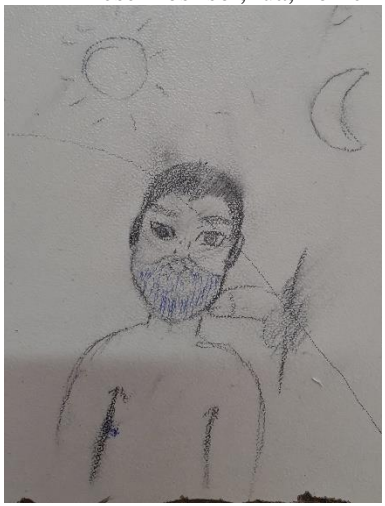
Fonte: Acervo fotográfico do pesquisador.

Nos processos da pedagogia cultural da masculinidade, a Fig. 3 ilustra que estamos à mercê de normas discursivas hegemônicas. Percebemos uma figura humanoide, provavelmente deitado, sobre uma espécie de maca, ou mesa, talvez cirúrgica. Os indicativos das duas mãos presas são marcados por um tipo de prumo de pêndulo, setas, semelhante ao pêndulo que aparece no ombro (esquerdo da figura), estrutura semelhante com o jogo da forca ou enforcado. Podemos ler a palavra "viado", campo de visão direito na figura, um imenso pênis (lado inferior, esquerdo de quem olha), cuja glande peniana está sobre a o pêndulo indicativo da mão direito da figura (esquerda para quem olha). Parece haver uma mão, saindo de um punho de camisa, 4 dedos direcionados a 4 pontos (círculos) na fronte da figura (lóbulo frontal). Essa mão na fronte da imagem, pode também sugerir uma arma de fogo, com 4 projeteis sendo lançadas, causando 4 furos na testa, ou talvez seja um procedimento de lobotomia que possa levar a mudança mental ou comportamental. Há traços pontilhados, escorrendo, nos dois olhos, sugerindo lágrimas, dor e sofrimento. As linhas, no pescoço da figura, podem sugerir lâminas, ou faca.

Estamos no campo das interpretações dos signos (SANTAELLA, 2018). Talvez seja um indicativo de LGBTfobia, um crime declarado contra homossexualidade, por conta da palavra "viado", do pênis avantajado ou forçar a busca de cura para algo que não é doença, a cura gay. Trata-se de um olhar distorcido de algum (a) adolescente reprodutor (a) desse tipo de discurso pregado por uma cultura misógina, machista, cisheteronormativa hegemônica.

Percebemos que os grafitos são um meio de comunicação latente daquilo que é proibido. Carecem debates educativos, inclusão sobre questões de gênero, sexualidade e da opressão da masculinidade tóxica nos planos educacionais nacionais, estaduais e municipais. Trabalhar temáticas sobre questões de gênero, sexualidade, ou masculinidade tóxica em sala de aula na atualidade são grandes desafios.

FIGURA 4 - Desenhos- sol, lua, homem, pênis



Fonte: Acervo fotográfico do pesquisador.

A Fig. 4 encontrada em um tampo de carteira traz a representação de uma figura masculina, com barba e bigode, possivelmente sem camisa, com um pênis próximo a região de sua boca, encostado na barba. Nos chamou a atenção o desenho, os símbolos representados pelo sol e pela lua. Nos infere a interpretações relativas a possibilidade de circulação, flexibilidade da sexualidade e a fluidez do gênero butleriana (BUTLER, 2003), bissexualidade ou multissexualidades. Nos faz lembrar ainda dos versos da marchinha de carnaval "Maria sapatão" que de dia é Maria e a noite é João, de João Roberto Kelly, muito tocada em 1981 e popularizada pelo Chacrinha.

A citação da música "Masculino e Feminino" de Pepeu Gomes (1983) chama atenção para essa questão: "ser um homem feminino, não fere o meu lado masculino, se Deus é menina e menino, sou masculino e feminino [...]" (GOMES, 1983, s.p.), entendemos que o inverso também pode ser aceito. Afinal, ambos, masculino e feminino podem coabitarem um mesmo corpo (BUTLER, 2003).

Até aqui nada que desabone tais feitos, o perigo principia em procedimentos de supervalorização de uns em detrimento das imposições aos outros (as). A superioridade declarada e mantida por meio da força, agressão, atos de preconceitos, pelo fato do (a) outro (a) não se semelhar ao masculino, macho, cisheteronormativo parece ser considerado algo afrontoso e inconcebível.

Há uma normatização discursiva sobre ser homem, macho, viril, que nos é passada desde o nascimento, se tem pênis é menino, não tem pênis é menina. Ambos irão crescer, deverão procriar e para que isso aconteça é preciso estar em direção ao sexo oposto. Não deve haver alterações nesse binarismo. No entanto, percebemos outros modos de vida a essa norma. Trata-se de seres desviantes, homossexuais, transexuais, que não encaixam nos padrões hegemônicos (LOURO, 2018; FOUCAULT, 2018). Não somos todos (as) seres humanos? Afinal, somos todos (as) dignos (as) de respeito, direitos e prerrogativas sociais igualitárias. Não somos todos (as) iguais perante as leis?

Devemos refletir, questionar, dissolver falácias discursivas que tendem a impor um único meio para se vivenciar as identidades de gênero e de sexualidade (FOUCAULT, 2014, 2018; FAIRCLOUGH, 2016; VAN DIJIK, 2017). A opressão presente na masculinidade tóxica vem impregnada de violência, agressividade, isso reflete no cotidiano sociocultural.

Uma sugestão sobre os processos de questões de gênero e sexualidade seria a exibição de episódios, ou parte de episódios da série *Sex Education* (2019; 2020) da Netflix**. São duas temporadas com 8 episódios cada, totalizando 16 episódios com duração que varia de 47 minutos a** 52 minutos, censura 16 anos, enquadra-se nos Gêneros, Comédia, drama, a Direção é de Laurie Nunn, entre o elenco, destaque para Asa Butterfield (Osti Milburn), Emma Mackey (Maeve Wiley), Ncuti Gatwa (Eric Effiong), Gillian Anderson (Jean Milburn). A nacionalidade e ambientação de *Sex Education* é do Reino Unido, Canal Netflix.

A série *Sex Education*, relata que Otis (Asa Butterfield) é um adolescente que vive com sua mãe, uma terapeuta sexual, no Reino Unido. Apesar de não ter perdido a virgindade ainda (primeira temporada), ele é uma espécie de especialista em conselhos sobre sexo. Junto com Maeve, uma colega de classe rebelde, eles resolvem montar sua própria clínica de orientação e aconselhamento sexual para ajudar outros (as) estudantes da escola. A demanda é continua. Dúvidas e incertezas, aconselhamentos fazem parte do temário da série.

Na série há um grande leque de opções sobre sexo, gênero, sexualidade e comportamento a serem observados tais como: gravidez na adolescência, primeira relação sexual, masturbação masculina e feminina, Infecções Sexuais Transmissíveis (ISTs), a importância de rodas de conversa sobre a temática, feminismo, abuso e violência sexual, assédio sexual, homem impor medo ao sexo feminino, LGBTfobia (agressões). Na série Deus é amor, o pecado bíblico moralista é a intolerância e o preconceito.

Sex Education aborda também o relacionamento lésbico, gay, assumir responsabilidade pelas ações são alguns dos temas que podem servir de mote inspirador para discussões na escola ou em grupos virtuais sobre questões de gênero e sexualidade.

CONCLUSÃO

Nessa linha, os conceitos de gênero masculino e feminino, entendidos como produções culturais binárias, carecem serem refletidos, respeitando os direitos de equidade entre as múltiplos manifestações de identidade de gêneros.

A homossexualidade é inata, portanto, cabe o respeito por quem se é! Direito a existir, como se é. Respeito a multiculturalidade, a autonomia de pensamento, a uma educação libertaria (HOOKS, 2013).

A prática da educação e orientação sexual não incentivam atos sexuais na infância ou adolescência, mas possibilita esclarecer anseios, dúvidas, cuidados de si, do corpo, da saúde, da mente, orientar sobre as infecções sexuais

transmissíveis (ISTs), métodos contraceptivos, conscientizar sobre gravidez precoce e na adolescência conforme sugere (BRASIL, 2001) e auxiliar na consciência individual sobre possíveis situações abusivas incluindo o abuso sexual infantil.

Somos fortemente influenciados e conduzidos por processos discursivos, imperativos, hegemônicos, cisheteronormativos, políticos, religiosos, embasados pelo binarismo sexual dos gêneros, que prega ser o verdadeiro, inquestionável e único. Aqueles (as) que vivem em discordância, estão em "pecado" e deverão ser repreendidos (as), castigados (as), punidos (as), inferiorizados (as), violentados (as) e extintos (as).

Porém se houvesse a extinção da homossexualidade e da comunidade LGBTQIAP+, como os elementos opressores na masculinidade tóxica cisheteronormativa hegemônica se manteria em sua torre de vidro? Só há dominantes se houver dominados (as).

Por fim, avaliamos que o ato de grafitar de maneira específica relacionada a sexualidade e gênero dentro do âmbito escolar não só demonstra uma fragilidade dos órgãos responsáveis em abordar o tema de maneira sadia e com mecanismos de discussão social, como demonstra o despreparo de tais intermediários (as), professores(as), que possam falar deste tema de maneira que despertem o interesse em dialogar com esse problema que chamamos de sexualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTRA, Associação Nacional de Travestis e Transexuais. *Dossiê dos assassinatos de pessoas trans nos anos de 2017, 2018 e 2019*. 2020. Disponível em: https://antrabrasil.org/assassinatos/. Acesso em: 13 jun. 2020.

ARROYO, Miguel. G. *Currículo, território em disputa*. Petrópolis, RJ: editora Vozes, 2011.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação Qualitativa em Educação.* Uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. *Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino*. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC. 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 7 jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural: orientação sexual*. Brasília: MEC, 2001.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019. p. 157-182.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 21, n. 1, mai. 2013, p. 241-282. ISSN

1806-9584. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104026X2013000100014/24650. Acesso em: 20 abr. 2020.
CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2002, vol.10, n.1, pp.171-188. ISSN 1806-9584. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador, volume 1: uma história dos costumes.* Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FAIRCLOUGH, Norman; WODAK, Ruth. *Análisis crítico del discurso* In: TEUN ADRIANUS VAN DIJIK. *El discurso como interacción social. Estudios sobre el discurso II: una introcucción multidisciplinaria.* Barcelona, Espanha: Gedisa Editorial, 2000, p. 367-404.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

GOMES, Pepeu. *Masculino e feminino.* Album: Autêntico Masculino e Feminino. Sony Music Entertainment (BRASIL) I.C.L. 1983. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_7FaOhTBtB8. Acesso em: 18 jun. 2020.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa***,** Brasília, vol. 22, nº 2, 2006, p. 201-210. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf. Acesso em: 18 jul. 2019.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JUNQUEIRA, Rogério. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. *Espaço do Currículo*, v.2, n.2, mar. 2010, p. 208-230. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/4281/3238. Acesso em: 18 jun. 2020.

LACAN, Jacques. *A significação do falo.* In: *Ecrits* (Jacques Lacan Escritos). São Paulo: Editora Perspectiva. 1978. p.261-273.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MBEMBE, Archille. *Necropolítica.* São Paulo: N-1 edições, 2016.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

PARAÍSO, Marlucy Alves. *Gênero, sexualidade e heterotopia: entre esgotamentos e possibilidades nos currículos*. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; SEFFNER, Fernando; VILAÇA, Teresa. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ações) nos espaços de educação.* Rio Grande: Ed. da FURG, 2018. p.7-27.

RELATÓRIO GGB (GRUPO GAY DA BAHIA). *População LGBT morta no Brasil: mortes violentas de LGBT + no Brasil*. 2018. Disponível em: https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/01/relatorio-2018-1.pdf. Acesso em: 18 Jan 2019.

RICH, A. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica.* Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012, p.17-44.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica.* (Coleção Primeiros Passo; 103). São Paulo: Brasiliense, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. *Semiótica aplicada.* São Paulo: Cenage Learning, 2018.

SEX Educaction, (Temporada 1, ep.1-8). *Sex Education* [Seriado]. Direção: Ben Taylor; Kate Herron. Estados Unidos as América, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, Distruidora: Netflix. 2019. 396 min

SEX Educaction, (Temporada 2, ep.1-8). *Sex Education* [Seriado]. Direção: Alice Seabright; Ben Taylor; Sophie Goodhart. Reino Unido da Grâ-Bretanha e Irlanda do Norte, Distribuidora: Netflix. 2020. 420 min

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e Poder.* São Paulo: Editora Contexto, 2017.